



DESCONSTRUINDO A CONCEPÇÃO SOBRE OS NATIVOS DIGITAIS: DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS DIGITAIS EM ALUNOS DO ENSINO BÁSICO

DECONSTRUCTING CONCEPTIONS OF DIGITAL NATIVES: CHALLENGES IN DEVELOPING DIGITAL SKILLS IN PRIMARY SCHOOL STUDENTS

DOI: 10.5281/zenodo.14212757

Cyntia Santiago Anjos Duarte¹
Antonio Paulino de Albuquerque Neto²
Erica Etelvina Viana de Jesus³

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo provocar a reflexão sobre a importância e desafios envolvidos no desenvolvimento de competências digitais por estudantes do ensino básico no Brasil e como o equívoco no entendimento do termo “nativos digitais” pode atuar como um fator de confusão nesse processo. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo, por meio de uma revisão narrativa da literatura. A análise do material bibliográfico mostrou a persistência de uma falsa ideia de que a geração atual (Millennials e Geração Z) por ser mais exposta às novas tecnologias, conquistaria naturalmente as competências digitais necessárias para um melhor desempenho em seu processo de aprendizado. Entretanto, foi possível identificar que há um grande desafio a ser enfrentado por alunos e professores no aprimoramento de suas habilidades no uso das tecnologias para promoção de um aprendizado significativo em consonância com as demandas da sociedade atual. Para tanto, destaca-se a relevância do papel do professor, na adoção de uma nova postura e adoção de práticas pedagógicas que promovam o uso da tecnologia dentro de um contexto crítico e reflexivo de formação e da adequação da infraestrutura das escolas na promoção da inclusão digital.

Palavras-chave: Competências digitais, Mito, Nativos digitais, Educação básica.

¹Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Educação Digital pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Mestre em Ecologia e Biomonitoramento (UFBA). Email: cyntiasa@gmail.com

²Licenciado em Letras Inglês pela Universidade Federal do Ceará (UFCE). Especialista em Educação Digital pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). E-mail: paulinoalbuquerque@gmail.com

³Graduada em Medicina Veterinária pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Salgado Filho (UNIVERSO). Especialista em Educação Digital pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Mestre e doutora em Imunologia (UFBA). E-mail: ericaviana@yahoo.com.br



Abstract

The present study aims to provoke reflection on the importance and challenges involved in the development of digital skills by primary school students in Brazil, and how the misunderstanding of the term "digital natives" can act as a source of confusion in this process. For that, a qualitative study was carried out, through a narrative review of the literature. The analysis of the bibliographic material showed the persistence of a false idea that the current generation (Millennials and Generation Z), being more exposed to new technologies, would naturally acquire the necessary digital skills for a better performance in their learning process. However, it could be observed that there is a great challenge to be faced by students and teachers to improve their skills in using technologies to promote meaningful learning in line with the demands of today's society. To this end, the importance of the role of the teacher is highlighted, who must adopt a new attitude and apply pedagogical practices that promote the use of technologies in a critical and reflective context of education and the adequacy of the infrastructure of schools in promoting digital inclusion.

Keywords: Digital skills, Myth, Digital natives, Basic education.

1. INTRODUÇÃO

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) realizada pelo Governo Brasileiro através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2021, o número de domicílios com acesso à internet no Brasil atingiu a expressiva marca de 90%, em termos absolutos são 65,6 milhões de domicílios conectados. Essa facilidade de acesso à internet mudou radicalmente a vida dos brasileiros que precisaram se adaptar a uma nova realidade que trouxe consigo textos, códigos e uma linguagem diferente da que se praticava. Dentre algumas áreas que sofreram forte influência dessa maior conectividade digital, podemos citar o sistema educacional.

Nas últimas duas décadas a educação foi fortemente impactada pelo uso das TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) como ferramentas no processo de ensino e aprendizagem, levando docentes e discentes a desenvolverem outras habilidades educacionais. Para Braga (2013) a tecnologia traz para práticas pedagógicas formas mais dinâmicas de implementar modos colaborativos ou reflexivos de ensinar e aprender, ou seja, alunos e professores utilizam ativamente a tecnologia no processo de ensino/aprendizagem. Por sua vez, Mesquita (2019) afirmou que a utilização das ferramentas tecnológicas ganhava cada vez mais espaço na sala de aula proporcionando um leque de recursos disponíveis para alunos cada vez mais expostos às novas tecnologias.



No entanto, apesar da massiva exposição da tecnologia em nosso cotidiano, especialistas apontam que a falta de letramento digital pode ser responsável pela dificuldade dos discentes no processo de aprendizagem (SOUZA et al. 2020). Há uma grande discussão a respeito da habilidade de indivíduos da geração Y, nascidos com acesso à recursos tecnológicos digitais, em possuir uma capacidade diferenciada na interação com os meios de obter informações e aprendizado. O termo “nativo digital” proposto em 2001 (PRENSKY, 2001) é usado para definir uma geração muito hábil no uso das mídias digitais e recursos online, ou seja, “sujeitos que manuseiam facilmente as tecnologias” (PISCHETOLA et al., 2018, p. 04). Entretanto, o uso naturalizado das tecnologias digitais para comunicação e interação social não indicam que os nativos digitais absorvam ou lidem com o conteúdo tecnológico de forma diferente das gerações anteriores (STECZ, 2019). É importante evidenciar que, apesar da revolução digital ter proporcionado ferramentas tecnológicas sofisticadas para uso educacional, estas não têm valor quando não utilizadas corretamente. Além disso, também não parece haver evidências concretas que há uma transposição imediata das habilidades de uso das tecnologias digitais para as práticas associadas ao ambiente educacional, como o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo (BUENO; GALLE, 2022).

Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo provocar uma reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pelos estudantes do ensino básico do Brasil no desenvolvimento das competências digitais necessárias para atender às demandas formativas para uma sociedade tecnológica-digital. Ademais, visa também refletir como a equivocada concepção de nativos digitais pode atrasar o processo de entendimento das necessidades discente e adoção de estratégias efetivas para alcance da referida competência.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa em consonância com o proposto por Minayo (1994), sendo apresentado no formato de uma revisão narrativa da bibliografia. Para tanto, foi realizada uma investigação bibliográfica entre os meses de janeiro e fevereiro de 2023, utilizando-se como base de dados as plataformas Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO) e fazendo uso dos descritores “competências digitais”,



“mito”, “nativo digital”, “TDICs” e “educação”. Foram selecionados trabalhos nas formas de artigo original, artigos de revisão ou livros, que após interpretação e análise subsidiaram a escrita deste texto.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 O MITO DOS NATIVOS DIGITAIS E SUA IMPLICAÇÃO NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS

O termo “nativo digital” foi proposto pela primeira vez por Prensky (2001) e fazia referência a uma geração (geração Y) marcada pela onipresença das tecnologias que os caracterizaria por uma forma diferente de vivenciar seus processos atitudinais, comunicativos, e de processamento das informações. A partir disso, propõem mudanças na educação de forma que os docentes (considerados, no máximo, como imigrantes digitais) possam alcançar a “forma de pensar” dos nativos digitais.

Embora a teoria de Prenski (2001) tenha sido alvo constante de contestações, esse conceito foi trabalhado em muitos estudos sobre educação no Brasil. Stecz (2019) revisitando a literatura sobre o tema discute como a adoção e aceitação do termo nativo digital pode ser nocivo aos processos educacionais e na formação de professores. Ao presumir que os estudantes são dotados de habilidades quase que inatas e que as mesmas são inexistentes nos docentes se reforça o paradigma de um abismo entre educando e educadores.

Ainda em 2013, Kirschner e Merriënboer (2013) já definiam como “a lenda dos nativos digitais” a presunção de que estudantes nascidos na era da tecnologia digital possuem habilidades autônomas de realizar múltiplas tarefas em diferentes mídias ao mesmo tempo, gerenciando seu processo de adquirir conhecimento de forma mais qualificada e independente da intervenção de um professor.



É justamente nesse ponto que se reforça a ideia do “mito”. Atender demandas técnicas para uso intensivo das TICs, vem ampliando o acesso a fontes de informação diversificadas como nunca visto anteriormente. Esse fato acaba por contribuir para que educadores atribuam aos estudantes um saber, quase que inato, sobre todas as potencialidades da tecnologia. Mas o grande desafio da educação não está no acesso às tecnologias e informações e sim em atribuir um foco formativo e educativo a essas práticas (PISCHETOLA; DAMIANA HEINSFELD, 2018).

Em sua origem, o termo “nativo digital” faz referência à linguística que admite que um falante nativo possui fluência inequívoca da sua língua, além da capacidade comunicativa ampliada pela possibilidade de realizar produções e novos arranjos linguísticos. Dessa forma, os autores defendem que “nativo digital é aquele que, além de possuir uma fluência única com relação às TICs, possui habilidade de produzir, (res)significar e remixar conteúdos digitais” (PISCHETOLA; DAMIANA HEINSFELD, 2018, p. 3).

Nascer na era digital não necessariamente irá permitir a compreensão das habilidades que subjazem o letramento digital que incluem a observação, análise e comparação de informações e suas fontes (AZEVEDO et al., 2018). Na prática, a ampliação das oportunidades de acesso ao conhecimento não vem produzindo resultados esperados na aprendizagem e desempenho escolar, por não vir acompanhado do desenvolvimento de práticas autônomas de auto instrução (PISCHETOLA, 2016).

Ainda há, por parte dos docentes, um equívoco na interpretação das habilidades associadas ao uso da tecnologia. As diferenças geracionais aliadas à comparação das habilidades dos estudantes com as suas próprias, fazem com que seja atribuído um status de “letrado digitalmente” aos estudantes que possuem apenas habilidades operacionais do uso das TDICs. Constatações como essa são alarmantes, pois mostra como são desconsideradas as habilidades informacionais e estratégicas, sem valorização do pensamento crítico necessário para o desenvolvimento do letramento digital (PISCHETOLA; DAMIANA HEINSFELD, 2018).



Azevedo et al. (2018, p. 622) defendem que: “ser letrado digital é assumir mudanças no modo de ler e escrever”. Assim, apenas ser capaz de fazer uso de TDICs não torna o indivíduo digitalmente letrado. Para isso se faz necessário a compreensão da sua inserção em uma sociedade híbrida que perpassa a constante interação entre o “mundo real” e o “mundo cibernético”, nos quais os recursos digitais estão intrinsecamente inseridos.

Reforça-se a necessidade de que a utilização das TDICs no ambiente educacional se dê de forma consciente, com intencionalidade pedagógica para construção de competências aliadas ao desenvolvimento de aprendizagem significativa. O uso de ferramentas tecnológicas de forma repetitiva e automática não habilita o usuário à compreensão da complexa implicação social da vivência em uma sociedade digital hiperconectada (AZEVEDO et al., 2018).

Bueno e Galle (2022) propuseram uma reflexão sobre as implicações pedagógicas sobre a inexistência de habilidades especiais em estudantes que cresceram permeados por artefatos tecnológicos. Os autores ressaltam que, na vida de um jovem com convivência diária com a tecnologia digital, esses aparatos parecem assumir um papel de maior relevância no campo do entretenimento do que no desenvolvimento de estratégias para o aprendizado e desenvolvimento de conhecimentos que possibilitem a resolução de problemas complexos.

Neste sentido, escola e professores devem assumir o papel de orientador do processo de aprendizagem, problematizando a utilização das informações obtidas de fontes diversas. O direcionamento deve seguir para o desenvolvimento de uma pedagogia ativa que promova a exploração de uma série de atividades cognitivas complexas, fomentando uma aprendizagem colaborativa e personalizada em redes de aprendizagem que atuem em consonância para o desenvolvimento das competências digitais (BUENO; GALLE, 2022; PATRICIO; OSÓRIO, 2015).

2.2 COMPETÊNCIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO



O uso de Aplicativos, lousa digital, *smartphones*, *tablets* estão cada vez mais comuns nas salas de aulas, seja do ensino infantil ao superior. Para KENSKY et al (2019) a evolução e diversificação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) possibilitou a formatação desta sociedade dinâmica que incorporou, por necessidade, essas tecnologias ao cotidiano. Com a integralidade das tecnologias na educação, docentes e discentes foram expostos a uma nova realidade de ensino e aprendizagem que envolve habilidades, conhecimentos, atitudes e valores que são interrelacionados. Esse conjunto de fatores é necessário para obtenção do que podemos chamar de competência digital, fluência digital ou letramento digital, termos esses que usados para atribuir a outrem o uso efetivo das tecnologias digitais na educação. Mas, o que é Competência digital?

Em seu trabalho de pesquisa sobre os conceitos de competências digitais, Behar e Silva (2019) definem competência digital como a relação de elementos que envolvem, habilidades e atitudes através do uso das TDICS na produção de conhecimento, ou seja, a competência digital está ligada diretamente à capacidade que o indivíduo tem de utilizar as ferramentas tecnológicas para seu benefício próprio. Ferrari (2012) por sua vez diz que, competência digital é um conjunto de conhecimentos, estratégias e sensibilização quando se utiliza as ferramentas tecnológicas e os meios digitais. Todavia não podemos reduzir o conceito apenas pelo uso das ferramentas tecnológicas, se faz também, necessário que o indivíduo digital desenvolva a capacidade de compreender a linguagem codificada e mutante da cibercultura.

Na recente história da humanidade, com desafios impostos pela pandemia da Covid 19 no ano de 2020, todos tivemos que adaptar atividades rotineiras devido às novas exigências sanitárias. O sistema educacional foi um dos setores mais afetados por essa nova realidade. O desafio na educação foi promover aulas online que fossem capazes de atingir os objetivos pedagógicos planejados para o ano vigente, bem como desenvolver nos alunos a autonomia necessária para um melhor aproveitamento das ferramentas digitais disponíveis em seu processo de aprendizagem. O que aparentemente apresentava ser fácil, mostrou uma outra realidade, pois muito embora crianças e adolescentes apresentem facilidades no uso prático



das ferramentas digitais, segundo Chacon e Pedro (2017), não se pode generalizar o termo nativos digitais, e tampouco pode-se desconsiderar aspectos econômicos e culturais em que eles são inseridos. Foi nesse contexto que milhares de alunos da rede básica foram obrigados a participarem de aulas online via plataformas de videochamada, tais como (Google Meet, Zoom etc). Para sanar o aspecto socioeconômico, várias prefeituras espalhadas pelo Brasil, através de suas secretarias de educação e do desenvolvimento social, forneceram gratuitamente tablets, notebooks, e acesso à internet a milhares de alunos da rede pública.

Esperava-se que esses alunos que nasceram na era digital possuísem habilidades para além daquelas que são utilizadas para se comunicar por meio das redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, etc), mas o que se apresentou foi dificuldades básicas como: fazer pesquisas, editar textos ou elaborar gráficos (Lagarto, 2013). Se por um lado as recentes pesquisas governamentais revelam que os brasileiros têm acesso com mais facilidade às tecnologias, por outro, tornava-se evidente que o simples acesso não garante a competência digital.

Para Couto (2017) a disseminação do uso das tecnologias digitais na educação básica deve passar por um estímulo de iniciativas autônomas de produção de atividades complementares pelo discente. Esse processo de produção autônoma viabilizada pelo uso das ferramentas tecnológicas digitais pode contribuir para o desenvolvimento consciente do que chamamos de competência digital.

2.3 ESTRATÉGIAS PARA AQUISIÇÃO DAS COMPETÊNCIAS DIGITAIS

A cultura digital emergiu com o surgimento das novas tecnologias e impulsionou mudanças na sociedade, seja na comunicação, práticas de lazer, trabalho ou consumo, entretanto, a educação formal não aderiu às mudanças agilmente (KENSKY, 2018). Neste ambiente virtual, a escola já não possui o status de exclusividade na criação e transmissão do conhecimento e são necessárias novas competências, pois foram criadas novas relações com o saber, conectando experiências e aprendizados (LÉVY, 1999; KENSKY, 2018).



Nesta sociedade imersa na tecnologia é necessário que o indivíduo não apenas tenha habilidade técnica para operar as TDICs, mas que tenha competência para também comunicar, avaliar, ponderar sobre elas e as informações obtidas por meio destas (SILVA & BEAR, 2019). Esse é o campo de atuação da educação formal, que vai além do ensino da técnica, do seu uso corriqueiro e imediato, mas que estimula o sujeito a criar significado, conectar e avaliar informações, transformá-la em conhecimentos para então decidir como usá-los.

As competências digitais são habilidades fundamentais para a vida no mundo atual, em que a tecnologia está cada vez mais presente em todos os aspectos. Assim, ao se pensar em estratégias para aquisição de competências digitais (CD) no contexto da educação, centramos inicialmente as reflexões sobre o corpo docente. Alguns documentos referenciais foram construídos no sentido de orientar os esforços docentes no desenvolvimento das competências digitais, a saber, UNESCO 2018, DigCompEdu 2017, incluindo a iniciativa brasileira o CIEB 2019 idealizada pelo Centro de Inovação para a Educação Brasileira. Sendo assim, o professor é estimulado a simultaneamente instruir-se, desenvolver-se e mediar o aprendizado das competências digitais dos estudantes (GENERALITAT DE CATALUNYA, 2018).

Em um estudo realizado no Brasil, com professores da educação básica, verificou-se algumas lacunas no desenvolvimento de CD, por exemplo: na compreensão sobre possibilidades de utilização das TDICs; na criação e compartilhamento de conhecimento; no domínio de softwares e mídias de comunicação digital, entre outras (PERIN ET AL. 2019). No Relatório Guia EDUTEC 2022 desenvolvido pelo CIEB observou-se que mais da metade dos docentes das escolas públicas participantes do estudo realizaram formações para o uso pedagógico de tecnologias digitais. Importante destacar que tanto nas escolas públicas municipais como nas estaduais, pelo menos 50% dos docentes que interagem com as TDICs em suas práticas pedagógicas compartilham com seus pares. Deste modo, a formação continuada de professores e a promoção do debate sobre a necessidade de utilização das TDICs nos processos de aprendizagem são etapas importantes na transformação da educação (STECZ, 2019).



Na perspectiva de alcance das competências digitais pelos discentes, em um contexto em que a informação é obtida facilmente a partir do acesso à internet, o professor tem sua função alterada no processo de ensino-aprendizado. Segundo Moraes et al. (2019) os indivíduos nascidos a partir da segunda metade da década de 1980 até a atualidade (geração internet, Tapscott, 2010) são reconhecidos pelo uso constante das novas tecnologias e acesso à internet, entretanto apesar de obter a informação rapidamente não desenvolveram a habilidade de análise. Como afirma Moran (2007, p.38): “Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e em integrá-las à nossa mente e à nossa vida”. Assim, aos docentes não compete mais transmitir a informação, mas atuar promovendo e orientando discussões, reflexões na construção do conhecimento (STECZ, 2019; MORAN, 2007).

O docente ao assumir essa nova postura, articula a inserção das novas tecnologias à prática pedagógica e amplia as possibilidades de promover o desenvolvimento das competências digitais dos alunos. As competências digitais dos aprendentes descritas no DigCompEdu (2017) incluem 05 áreas principais: literacia da informação e das mídias, comunicação e colaboração digital, criação de conteúdo digital, uso responsável e resolução de problemas digitais. Essas habilidades podem ser alcançadas por meio do planejamento de atividades educacionais que envolvem a avaliação crítica da informação, bem como ações que garantam a proteção de dados pessoais, respeitem os direitos autorais e promovam a segurança no ambiente virtual, entre outras práticas. Ademais, características inerentes à geração Y como o interesse por desafios, experimentação e a capacidade de realizar muitas tarefas ao mesmo tempo podem ser exploradas ao integrar a tecnologia ao currículo (COELHO, 2012). Como resultado, esta abordagem tem potencial de proporcionar o desenvolvimento de habilidades associadas a criatividade, pesquisa, comunicação e colaboração entre os discentes.

A adequação da estrutura física das escolas também é um fator importante a ser levado em consideração no planejamento de estratégias que permitam o alcance das competências digitais na educação. No entanto, as escolas brasileiras apresentam realidades muito distintas,



com infraestruturas desiguais e desafios específicos, seja em escolas públicas ou privadas, em áreas urbanas ou rurais ou nas diferentes regiões do país. De acordo com o Relatório Guia EDUTECH 2022 do CIEB que apresenta um diagnóstico do nível de adoção de tecnologias nas escolas públicas brasileiras em 2022, os dados referentes a dimensão da infraestrutura de escolas públicas brasileiras, revelam que apenas 47% dos gestores afirmam que há disponibilidade de acesso à internet em todos os espaços da escola, e mesmo nesses casos, 78% deles reportam instabilidade no acesso simultâneo à internet. Além disso, a disponibilidade média de dispositivos digitais nas escolas é de apenas um equipamento para cada 25 estudantes, e somente 3% das escolas dispõem de 01 dispositivo para 5 estudantes.

Com base no Censo Escolar da Educação Básica 2022 (INEP 2022), é possível verificar que 72% das escolas privadas de ensino fundamental têm disponibilidade de internet para fins de ensino e aprendizagem, enquanto o índice correspondente para as escolas públicas municipais é de 48,5%. É importante ressaltar que essas escolas públicas municipais são as principais responsáveis pela oferta de ensino tanto nos anos iniciais (69,3%) quanto nos anos finais (44,4%), embora haja variações significativas entre os estados. Considerando esses dados, é urgente a implementação de melhorias na infraestrutura das escolas públicas brasileiras, sem a qual não é possível criar oportunidades de consolidação de novas práticas docentes integradas às TDICs, tampouco viabilizar o desenvolvimento das competências digitais pelos alunos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as análises dos estudos apresentados, percebe-se que muitos estudantes enfrentam dificuldades para adquirir as competências digitais necessárias para lidar com as demandas do mundo digital, como avaliar criticamente informações, proteger seus dados pessoais, agir de forma responsável e ética no ambiente virtual, entre outras habilidades. Possivelmente, a persistência da ideia de uma geração de "nativos digitais" tenha interferido



na realização de intervenções pedagógicas eficazes que visam capacitar os alunos para o desenvolvimento destas competências (STECZ, 2019).

Na sociedade digital, tanto os professores quanto os alunos enfrentam o desafio constante de aprimorar suas habilidades no uso das tecnologias. Apesar de haver lacunas no desenvolvimento das competências digitais quando se avalia discentes e docentes, notadamente a pandemia da Covid-19 aumentou as oportunidades de contato com as TDICs, ampliando a percepção tanto das habilidades já alcançadas como das necessidades de aprimoramento.

Ainda que a tecnologia tenha alterado o papel do professor e da escola, ambos ainda desempenham uma função social importante na formação de cidadãos. Assim, o docente ao inserir as tecnologias de modo planejado no processo de ensino-aprendizagem promove a capacitação progressiva dos alunos em lidar com a enorme quantidade de informações disponíveis e utilizá-las de maneira ética e criteriosa.

A infraestrutura das escolas foi outro aspecto que foi considerado na análise do desenvolvimento de competências digitais pelos discentes. É importante destacar que a falta de infraestrutura adequada nas escolas pode ampliar as desigualdades educacionais, impedindo que os estudantes tenham acesso às mesmas oportunidades de aprendizagem. Dessa forma, é fundamental que os governos desenvolvam políticas públicas e invistam em infraestrutura e tecnologia. Somente assim, será possível promover a inclusão digital e garantir que todos os estudantes possam desenvolver as competências necessárias para enfrentar os desafios do mundo digital.

5. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, D. S.; SILVEIRA, A. C.; LOPES, C. O.; AMARAL, L. O.; GOULART, I. C. V.; MARTINS, R. X. Letramento digital: uma reflexão sobre o mito dos “Nativos Digitais”. **RENOTE**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 615–625, 2018. DOI: 10.22456/1679-1916.89222. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/89222>. Acesso em: 31 jan. 2023.



BEHAR, P.A.; DA SILVA, K.K.A. Competências digitais na educação: Uma discussão acerca do conceito. **Educação em Revista**, n. 35, e209940, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698209940>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/wPS3NwLTxtKgZBmpQyNfdVg/?lang=pt#>. Acesso em :15 fev. 2023.

BRAGA, Denise Bértoli. **Ambientes Digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Cortes. Ed. 1, 2013. p.58

BRASIL. Casa Civil. **90% dos lares brasileiros já tem acesso à internet no Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa#:~:text=Em%202021%2C%20o%20n%C3%BAmero%20de,mais%20do%20que%20em%202019>. Acesso: 06 de fevereiro de 2023

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2022: notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/areas_de_atuacao/notas_estatisticas_censo_da_educacao_basica_2022.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

BUENO, R. W. S.; GALLE, L. A. V. Reflexões Sobre os Nativos Digitais. Em Teia. **Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**. v. 13, nº 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/251462>. Acesso em: 31 jan. 2023.

CENTRO DE INOVAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA. **Relatório Guia Edutec - Diagnóstico do Nível de Adoção de Tecnologia nas Escolas Públicas Brasileiras em 2022**. São Paulo: CIEB, 2022. E-book em pdf. Disponível em: <https://cieb.net.br/wp-content/uploads/2022/12/2022-12-12-Relatorio-Guia-Edutec.pdf>. Acesso em: 18 fev 2023.

CENTRO DE INOVAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA. **Competências de professores e multiplicadores para uso de TICs na educação**. Notas técnicas n.º 8. São Paulo, CIEB, 2019. Disponível em: <https://cieb.net.br/wp-content/uploads/2019/06/CIEB-Notas-T%C3%A9cnicas-8-COMPET%C3%80NCIAS-2019.pdf>. Acesso em: 10 fev 2023.

COELHO, P. M. F. Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas. **Texto Livre**, Belo Horizonte-MG, v. 5, n. 2, p. 88–95, 2012. DOI: 10.17851/1983-3652.5.2.88-95. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16621>. Acesso em: 9 fev. 2023.

COUTO, Z.K. O uso de recursos educacionais digitais na educação básica (REDEB): Relato de experiência. **Revista Práxis: saberes da extensão**, João Pessoa, v. 5, n. 9, p. 34-39,



maio/ago. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/praxis/article/view/1451>. Acesso em: 21 fev 2023.

GENERALITAT DE CATALUNYA. **Teachers' Digital Competence in Catalonia. S. I.: Servei de Comunicació i Publicacions**, 2018. Disponível em:

[https://repositori.educacio.gencat.cat/bitstream/handle/20.500.12694/229/](https://repositori.educacio.gencat.cat/bitstream/handle/20.500.12694/229/teachers_digital_competence_in_catalonia_2018.pdf?sequence=2&isAllowed=y)

[teachers_digital_competence_in_catalonia_2018.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://repositori.educacio.gencat.cat/bitstream/handle/20.500.12694/229/teachers_digital_competence_in_catalonia_2018.pdf?sequence=2&isAllowed=y). Acesso em: 31 jan. 2023.

KENSKI, V. M. Cultura Digital. In: MILL, D. (Org.) **Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e de Educação a distância**. Campinas: Papirus, 2018, p. 139-144.

KENSKI, V. M.; MEDEIROS, R. A.; ORDÉAS, J. Ensino superior em tempos mediados pelas tecnologias digitais. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 141–152, 2019. DOI: 10.35699/2238-037X.2019.9872. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9872>. Acesso em: 06 fev 2023

KIRSCHNER, P. A.; MERRIËNBOER, J. J. G. Do Learners Really Know Best? Urban Legends in Education. **Educational Psychologist**, v. 48, n. 3, 2013. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00461520.2013.804395>. Acesso em 11 fev. 2023.

LAGARTO, J.R. Inovação, TIC e sala de aula. In: CAVALHEIRI, A.; ENGERROFF, S.N.; SILVA, J.C. (Org.). **As novas tecnologias e os desafios para uma educação humanizadora**. Santa Maria: Biblos, 2013, p.133-158.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 272

MESQUITA, A.G.L.S. A educação a distância e as novas tecnologias educacionais. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Rio de Janeiro, v. 01, p. 1-21, 2019. Disponível em:

https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/a_educacao_a_distancia_e_as_novas_tecnologias_educacionais_1.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

MINAYO, Maria Cecília Souza. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 80

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. p. 174

PATRICIO, M. R.; OSÓRIO, A. Competência Digital: conhecer para estimular o ensino e a aprendizagem. In Meirinhos, Manuel; Valcárcel, Ana Garcia; Gonçalves, Vitor; Rodero, Luis Gonzales; Patrício, Maria Raquel; Sousa, João Sérgio (Eds.). **IV Conferência Ibérica em Inovação na Educação com TIC: Livro de Atas**. Bragança: Instituto Politécnico de



Bragança. p. 175-189, 2015. ISBN 978-972-745-209-5. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/13135>. Acesso em 11 fev. 2023.

PERIN, E. dos S.; FREITAS, M. do C. D.; CEBRIÁN-ROBLES, V. Competências digitais de docentes da educação básica. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 8, n. 2, 2019. DOI: 10.35819/tear.v8.n2.a3596. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/3596>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PISCHETOLA, Magda. **Inclusão digital e educação: a nova cultura da sala de aula**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016. p. 162

PISCHETOLA, M.; DAMIANA HEINSFELD, B. “Eles já nascem sabendo!”: desmistificando o conceito de nativos digitais no contexto educacional. **RENOTE**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2018. DOI: 10.22456/1679-1916.85929. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/85929>. Acesso em: 31 jan. 2023.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants Part 1. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/10748120110424816>. Acesso em: 28 jan, 2023.

REDECKER, C. **European Framework for the Digital Competence of Educators: DigCompEdu**, EUR 28775 EN, Publications Office of the European Union, Luxembourg, 2017, ISBN 978-92-79-73494-6, doi:10.2760/159770 (online). Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000265721>. Acesso em: 03 fev 2023.

SILVA, K. K. A.; BEHAR, P. A. Competências Digitais na educação: uma discussão acerca do conceito. **EDUR • Educação em Revista**. 2019; 35:e209940. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698209940>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/wPS3NwLTxtKgZBmpQyNfdVg/?lang=pt>. Acesso em: 03 fev 2023.

SOUZA, Andrezza Cristina Da Silva Barros et al. Retenção e evasão no ensino superior: o impacto do letramento digital na formação de discentes na ufersa angicos. **Anais III CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/22214>>. Acesso em: 24/02/2023 00:28

STECZ, S. S. Transformações na educação - novas tecnologias, audiovisual e o nativo digital como mito. **Travessias**, Cascavel, v. 13, n. 1, p. 41 – 55, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/22129/14157>. Acesso em 31 jan. 2023.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation. **ICT Competency Framework for Teachers**. Paris: UNESCO, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000265721>. Acesso em: 30 jan 2023.

Recebido em: 01/09/2024

Aprovado em: 17/10/2024

Publicado em: 24/11/2024